

Como nasceu o ASMOB

José Luiz Del Roio

Diretor do Instituto Astrogildo Pereira e de seu Arquivo Histórico do Movimento Operário Brasileiro – ASMOB

Este arquivo encontrava-se em perigo, pois muitas vezes as forças repressivas da ditadura, tinham se aproximado do mesmo e não escondiam o desejo de destruir aquele legado histórico.

Roberto Morena foi sem dúvida um tipo bem curioso. Militante sindical desde 1917, combatente internacionalista na guerra civil espanhola, deputado federal dos mais atuantes, viandante que esquadrinhou os quatro cantos do planeta e recordista de número de prisões no Brasil. No seu espectro de interesses, incluía uma verdadeira paixão pela ópera.

Exilado desde o golpe de 1964, perseguido em diversos países, acabou fixando-se na cidade de Praga, onde trabalhou na Federação Sindical Mundial. Sempre que seus afazeres ou dinheiro permitiam, entrava num trem e deslocava-se para a Itália. Este país o encantava. Ali possuía muitos amigos, antigos companheiros italianos de combates em tantos lugares, conhecia o idioma e jogava com a possibilidade, quem sabe, de poder ir apreciar uma ópera.

Baseava-se geralmente em Milão, permanecendo na residência de Maurício Martins de Melo ou de Givaldo Siqueira. Corriam os anos 70, e não se antevia claramente quando acabaria o exílio de tantos compatriotas. E Morena se atormentava. O que aconteceria quando acabasse a longa noite ditatorial... as classes dominantes seriam capazes de borrar o passado de lutas sociais, o esforço dos trabalhadores e dos democratas, para a construção de uma sociedade brasileira mais justa?

E foi desta sua preocupação, que nasceria o Archivio Storico del Movimento Operário Brasileiro – ASMOB. Maurício, um dos colaboradores na obra História Nova do Brasil, discípulo de Nelson Werneck Sodré, havia trabalhado na Fondazione Giangiacomo Feltrinelli, verdadeiro templo depositário de acervos dos mais qualificados, dos movimentos revolucionários de todo o planeta, nos últimos dois séculos. Através de seus contatos, conseguimos espa-

ço naquela instituição para começarmos recolher preciosos documentos sobre a história brasileira.

Os labirintos da vida levam a situações inesperadas. Enquanto estávamos preocupados com qual acervo iniciar os fundamentos do arquivo, eis que falece o nosso amigo e companheiro Morena. Seus papéis dariam início, em 1977, às nossas coleções. Um dirigente de trabalhadores rurais, fundador da Contag, Lindolpho Silva, que também habitava em Praga, enviou-nos a parte do acervo que lá se encontrava, enquanto Maria Eugênia, viúva de Morena e seu filho Roberto, fizeram chegar do Brasil o restante do material.

Entrementes, o grande problema que tínhamos, era como retirar o acervo Astrogildo Pereira do Brasil. Astrogildo, figura ímpar de jornalista revolucionário, crítico literário, havia sido um dos líderes da Confederação Operária Brasileira, na década de 10, fundador do PCB em 1922, pertenceu ao Secretariado da Internacional Comunista entre 1927 e 1930. Manteve contatos com Luis Carlos Prestes desde 1927, teorizou a aliança do proletariado com os setores médios da sociedade na crise de 1930, etc.

Este arquivo encontrava-se em perigo, pois muitas vezes as forças repressivas da ditadura, tinham se aproximado do mesmo e não escondiam o desejo de destruir aquele legado histórico. Os materiais encontravam-se sob a guarda de José Salles e Marly Vianna, quando em 1974, a polícia chegou perto de localizá-los e com a ajuda do saudoso Mateus Malina, foi transferido para a casa de Zuleide Faria de Mello.

Passaram-se alguns anos e uma valente companheira que se encontrava em Paris, Dora, com os contatos fornecidos por Marly Viana, voltou ao Brasil e com a ajuda de Zuleide, conseguiram em pleno 1977, despachar do porto de San-

tos, uma tonelada de papéis considerados altamente subversivos.

Foram estes os acervos iniciais que deram origem ao ASMOB, depois dos quais muitas outras contribuições vieram enriquecer nossas coleções. Recordaremos alguns doadores como Luiz Carlos Prestes, Paulo Cavalcanti, Oscar Niemayer, Jorge Amado, a família de José Medina, Armênio Guedes, José Mindlin, Giocondo Dias, Wladimir Sacchetta, Edgard Carone etc. E assim se formou o ASMOB, um guardião no exílio da memória das lutas operárias e socialistas do Brasil.

Durante estes 18 anos, o ASMOB contou com inúmeros colaboradores, que com despreendimento dedicaram-se a preservar e socializar seus materiais e entre tantos ressaltamos

Teresa Isenburg, presidente e representante legal da instituição; a nossa bibliotecária e arquivista Angela Galvão; Flávia de Castro que por anos foi nossa representante no Brasil; Carmem Lucia Evangelista Lopes, responsável pelo Centro de Memória Sindical, organização irmã nossa, que além do limite inimaginável, labutou para que a história do movimento social do Brasil permanecesse viva; os companheiros da Oboré, para os quais a luta junto com os oprimidos é razão de vida; o cientista político Ricardo Guedes Pinto, o qual com sua desinteressada e generosa ajuda muito contribuiu para o retorno do ASMOB ao Brasil; o ilustre escritor Fernando Moraes, que com sua conhecida capacidade de iniciativa soube valorizar os materiais de nosso acervo; e finalmente o amigo de tantas jornadas, Paulo

Sérgio Pinheiro, um dos fundadores do arquivo Edgard Leuenroth, extraordinária instituição instalada no corpo da UNICAMP, e que desde o longínquo 1979, seguiu também os passos do ASMOB.

Mas tudo isso são relatos que merecem uma maior extensão do que estas poucas linhas que dispomos para anunciar que o ASMOB voltou do exílio. Sob responsabilidade do Instituto Astrojildo Pereira e como parte de um mais amplo projeto de preservação da memória histórica do PCB e do movimento socialista no Brasil estará à disposição da saudável gula de antigos e novos estudiosos, nas instalações da UNESP da Praça da Sé, na capital paulista, onde juntar-se-á a outros arquivos, entre os quais o de Mario Pedrosa.